

A Análise das Redes Catarinenses de Apoio à Inovação e aos Negócios

Danielle Nunes Ramos

Graduanda em Ciências Contábeis, pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Membro do Grupo de Pesquisa VIA Estação Conhecimento. *E-mail:* nunesdanielle@gmail.com

Sofia Lorena Urrutia Pinto

Graduanda em Ciências Contábeis, pela UFSC. Membro do Grupo de Pesquisa VIA Estação Conhecimento. *E-mail:* sofiaurrutia@gmail.com

Clarissa Stefani Teixeira

Professora da UFSC, no Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento e no Mestrado Profissional em Propriedade Intelectual e Transferência de Tecnologia para a Inovação. Membro do Grupo de Pesquisa VIA Estação Conhecimento. *E-mail:* clastefani@gmail.com

Resumo

Advindo das dificuldades encontradas pelas empresas para o crescimento e para a competitividade, nos últimos anos, novos processos estão se formando com o objetivo de otimizar as ações. Uma das estratégias encontradas para fortalecimento organizacional é a operação em rede. Trabalhar em rede é um processo que organiza e mantém colaborações eficientes. Entretanto, apenas nos últimos anos é que se tem observado aumento de estudos que enfocam o tema. Além disso, considerando o foco das redes estaduais não são encontrados estudos sobre sua organização de acordo com seus diferentes focos de atuação. Dessa forma, o presente estudo buscou analisar as redes catarinenses. Para tanto, foram realizadas três fases, sendo: i) identificação das redes; ii) localização de documentação pertinente a análise; iii) identificação da abrangência e foco de cada rede. O Estado de Santa Catarina apresenta três redes, sendo a Rede Catarinense de Inovação, a Rede de Investidores Anjo e a Rede de Investidores Sociais. Com focos diferentes, as redes encontradas buscam apoiar *habitats* de inovação, investidores anjos e sociais, respectivamente. De maneira geral, pode-se dizer que Santa Catarina já é considerada um estado associativista. Mesmo com presença de diversas associações, principalmente aquelas de empresas, as redes de colaboração estão presentes, mas principalmente com focos em apoio de entidades ligadas ao empreendedorismo, à inovação e aos investidores (anjos e sociais).

Palavras-chave: *Habitats* de inovação. Redes. Colaboração. Desenvolvimento.

Introdução

A partir do crescimento da internacionalização da economia intensificou-se a necessidade da reorganização dos fatores produtivos e os modos de gestão empresarial com a finalidade de compatibilizar a organização com padrões internacionais de qualidade e produtividade (OLAVE; AMATO NETO, 2001). Atrelado ao crescimento da internacionalização tem-se a inovação que assume atuação cada vez mais necessária e disseminada, principalmente na área empresarial já que as empresas inovadoras apresentam ganhos em competitividade e diferenciação (VERSCHOORE; BALESTRIN, 2008).

Entretanto, atualmente muitas são as dificuldades enfrentadas pelas organizações e sua sobrevivência está entre esses obstáculos; para que os organismos sejam sustentáveis, novos processos estão substituindo os processos ultrapassados, o que é o caso das estruturas em rede. Segundo os autores Balestrin, Verschoore e Reys Júnior (2010) o trabalho em rede é um processo que organiza e mantém colaborações eficientes, todavia, apenas nos últimos anos é que se tem observado aumento de estudos que desenvolvem o tema.

As organizações ao se estabelecerem em rede aliam os conhecimentos de produtores, fornecedores e usuários localizados em diferentes organizações e tendem a facilitar a rápida troca de informação e os processos decisórios conjuntos (KUPPERS; PYKA, 2002). O aumento do número de redes ocorre porque elas emergem como uma nova forma de organização para a produção do conhecimento (PELLEGRIN *et al.*, 2007).

Autores, como Koppers e Pyka (2002), indicam que as redes possuem três implicações-chave: i) constituem um dispositivo de coordenação que possibilita e auxilia a aprendizagem interempresarial; ii) permitem a exploração de complementaridades, fator es-

sencial para o domínio de soluções tecnológicas caracterizadas pela complexidade e diversidade de áreas de conhecimento envolvidas; iii) formam um ambiente organizacional (ou interorganizacional) que abre a possibilidade da exploração de sinergias pela junção de diferentes competências tecnológicas. Outros estudiosos do tema, como Pellegrin *et al.* (2007), descrevem que outros motivos para a constituição das redes fazem relação à diminuição da incerteza e complexidade que se tem no processo, principalmente em relação aos fatores relacionados com a demanda.

A literatura já vem abordando os objetivos de um trabalho em rede. Autores, como Katz *et al.* (2000), indicam que tais propósitos se baseiam na troca de ideias, tecnologias, informações, experiências, conhecimentos técnicos e buscam estabelecer negócios entre organizações, institutos ou centros de pesquisa tecnológica e universidades. As redes que mantêm relações interorganizacionais demonstram diferentes soluções das formas tradicionais para resolução de problemas, fato que é facilitador da realização de ações conjuntas e a transação de recursos para obtenção de um objetivo organizacional (BALESTRIN; VERSCHOORE; REYES JÚNIOR, 2010).

Araújo *et al.* (2010) indicam que a formação das redes representa uma estratégia fundamental de disseminação e consolidação da cultura, permitindo a troca de informações, experiências e interações entre as instituições que as compõem, visando ao aprimoramento de suas ações. Os mesmos autores afirmam que a construção de redes viabiliza e facilita a capacitação dos profissionais.

Entretanto, estudos mais aprofundados especificando as redes brasileiras ainda precisam ser realizados. No caso de estados com alta capacidade de associativismo, como é o caso de Santa Catarina, ainda faltam estudos científicos sobre o tema. Dessa forma, o presente estudo buscou realizar uma análise das redes de Santa Catarina.

Procedimentos Metodológicos

Esta pesquisa é classificada como descritiva, pois descreve as redes de Santa Catarina com enfoque nas redes catarinenses de apoio à inovação e aos negócios (DUARTE 2002). De acordo com Vergara (2000), a pesquisa descritiva revela características de determinada população ou fenômeno, por meio de um levantamento ou observações de suas características.

Ademais, a abordagem utilizada na presente análise tem caráter qualitativo, pois como descreve Godoy (1995, p. 63):

Quando o estudo é de caráter descritivo e o que se busca é o entendimento do fenômeno como um todo, na sua complexidade, é possível que uma análise qualitativa seja a mais indicada. Ainda quando a nossa preocupação for a compreensão da teia de relações sociais e culturais que se estabelecem no interior das organizações, o trabalho qualitativo pode oferecer interessantes e relevantes dados.

Isto é, quando a pesquisa procura entendimento do contexto como um todo, é mais interessante utilizar-se da pesquisa qualitativa, pois tem-se com isso uma análise mais completa.

O presente estudo foi realizado em três fases, sendo: i) identificação das redes localizadas em Santa Catarina; ii) localização de documentação pertinente à análise; iii) identificação da abrangência e foco de cada rede. As fases da pesquisa podem ser assim definidas:

- Fase 1 – Identificação das redes brasileiras: inicialmente foram mapeadas as redes catarinenses. Para tanto, foram realizadas buscas em base de dados utilizando os seguintes termos: rede inovação; rede tecnologia; rede *habitats* de inovação; rede empreendedorismo. As buscas foram realizadas de acordo com as indicações de estudos como

os de Ramos e Teixeira (2016) que mapearam as redes brasileiras.

- Fase 2 – Localização de documentação pertinente à análise: depois do mapeamento das redes catarinenses, foram localizados documentos pertinentes para o desenvolvimento do estudo. Como exemplo de documentação, além de artigos foram localizados os *sites* de cada rede e seus respectivos estatutos, por definirem as regras e o funcionamento das organizações.
- Fase 3 – Identificação da abrangência e foco de cada rede: nesta fase foram identificados os quantitativos como o tempo de existência de cada rede, a territorialização, o número de associados e o propósito de cada rede. Esses dados foram importantes para a definição da abrangência de cada uma das redes.

Dessa forma, foram mapeadas as redes que apresentavam em seus *websites* dados suficientes para a análise e configuração de seu perfil.

Resultados e Discussões

De maneira geral, Santa Catarina é considerada um estado associativista. Mesmo com presença de diversas associações, principalmente as de empresas, as redes estão presentes. As redes catarinenses mapeadas no presente estudo se destinam basicamente ao apoio aos *habitats* de inovação, aos investidores tanto os anjos quanto os sociais.

Ao todo, foram encontradas três redes em operação: a Rede Catarinense de Inovação (RECEPETI), a Rede de Investidores Anjos (RIA) e a Rede de Investidores Sociais (RIS), apresentadas no Quadro 1.

Quadro 1 – Redes Catarinenses Avaliadas pelo Presente Estudo

Nome da Rede	Website	Foco
 Rede Catarinense de Inovação (RECEPETI)	http://recepteti.org.br	Inovação
 Rede de Investidores Anjo (RIA)	https://www.acate.com.br/node/76052	Investidores
 Rede de Investidores Sociais (RIS)	http://www.icomfloripa.org.br/	Investidores

Fonte: Elaborado pelos autores deste artigo

A RECEPETI proporciona integração com incubadoras, parques tecnológicos, distritos de inovação, núcleos de inovação tecnológica e outros atores, promovendo a educação, o desenvolvimento econômico, social, científico e tecnológico e o empreendedorismo inovador em Santa Catarina, estabelecendo parcerias e articulações com entidades públicas e privadas para alavancar a competitividade e a capacidade de desenvolvimento sustentável dos associados. Seus valores envolvem compromisso com o associado, com a ética, com a transparência, com inovação, com a excelência, com a cooperação, com a acessibilidade e responsabilidade socioambiental (RECEPETI, 2016).

Já a RIA propõe a atração e conexão dos investidores anjo de Santa Catarina e aproximação de empreendedores que buscam apoio para os seus projetos de base tecnológica (RIA, 2016). A RIS age da mesma forma que a RIA, porém divergem no ponto em que seus investidores fomentam ações que fazem a diferença social na capital catarinense, não tendo ligação a projetos de base tecnológica (RIS, 2016).

A RECEPETI é a única formalizada, com associados e com estatuto próprio. Além disto, há também captação de recursos públicos e privados para a realização de suas ações. Atualmente possui 140 associados, de diversos segmentos, como *habitats* de inovação (incubadoras e parques), governo, associações empresariais, instituições de ensino superior, fundações e institutos. Já na análise da RIA e da RIS não é possível evidenciar esses números.

Embora a estrutura seja considerada como ponto importante para a formação das redes, autores como Tálamo e Carvalho (2010) apontam que para a formação das redes os impactos obtidos vão além dos resultados dos negócios. Formais ou não as redes estão para o aprimoramento das ações em segmentos que tenham um foco comum, que no caso do presente estudo, se associam a *habitats* de inovação, investidores anjos e investidores sociais.

Nos três casos avaliados, os ganhos evidenciados com a formação das redes são principalmente associados à organização dos segmentos associados às redes como o de investidores (anjos e sociais) e de inovação ou ainda dos ambientes de inovação do estado. Com a formação das redes é possível ter um ponto de apoio e orientação de práticas relacionadas a essas duas temáticas. A RIA vem facilitar a tomada de decisão de investidores ao mesmo tempo em que sinaliza aos empreendedores catarinenses sobre as oportunidades de se ter negócios de qualidade que sejam considerados potenciais e que tenham possibilidade de escalonar. Já a RIS, gerenciada pelo Instituto Comunitário da Grande Florianópolis (ICOM), possibilita que Pessoas Físicas possam apoiar projetos sociais independentemente do valor a ser aportado. Além disso, uma curadoria é realizada de forma a identificar os projetos em potencial associados à inovação social o que aumenta a segurança dos investidores e destina recursos a projetos específicos que tenham potencial de resultados positivos. A RECEPETI, por sua vez, oportuniza um alinhamento dos diferentes segmentos para a inovação e em especial para incubadoras, parques e centros de inovação do

Estado de Santa Catarina. Entretanto, a rede age na captura de recursos não reembolsáveis para a realização de suas ações.

O apoio e a potencialização de ações realizadas em torno do empreendedorismo, dos investimentos e da inovação também são práticas evidenciadas com a formação das redes catarinenses. Autores, como Fleury (2003), já indicam que a formação de redes permite a identificação de potencialidades, possibilidades, carências e riscos o que vai ao encontro do observado nas redes catarinenses.

No caso da teoria das redes, é evidenciado, assim como indicam Verschoore e Balestrin (2008), que os ganhos competitivos se associam a escala e ao poder de mercado, acesso a soluções, aprendizagem e inovação, redução de custos e de riscos e relações sociais. Os mesmos autores ainda indicam que o tempo de existência da rede e número de associados está diretamente associado aos ganhos competitivos. O que se evidencia nas redes catarinenses é que a RECEPETI apresenta uma formalização e um número de associados considerado alto. Em uma comparação com as demais redes encontradas, inclusive em outros estudos, a RECEPETI pode ser considerada como a maior do Brasil como ilustra o estudo de Ramos e Teixeira (2016).

Ao mesmo tempo, as redes de investidores facilitam as práticas de investimentos e viabilizam, por meio da ação em rede, a localização de potenciais a serem investidos. Conforme indicam Verschoore e Balestrin (2008), o acesso a soluções para a questão dos investimentos anjos, prática ainda considerada recente no Brasil, pode ser observada quando a rede foi organizada pela Associação Catarinense de Empresas de Tecnologia (ACATE). Em âmbito nacional, já se observa essas práticas quando a Anjos do Brasil¹ é analisada. Entretanto, as ações realizadas em

¹ Entidade de fomento ao investimento-anjo apoiando o empreendedorismo de inovação. Atualmente conta com 14 núcleos regionais sendo a RIA o Núcleo de Santa Catarina. Os núcleos são: Núcleo Regional ABC, Núcleo Regional Alagoas, Núcleo Regional Amazonas, Núcleo Regional Distrito Federal, Núcleo Regional Goiás, Núcleo Regional Mato Grosso do Sul, Núcleo Regional Minas Gerais – Belo Horizonte, Núcleo Regional do Sul de Minas Gerais, Núcleo Curitiba – Paraná, Núcleo Regional Rio Grande do Norte, Núcleo Regional Rio Grande do Sul, Núcleo Regional de Santa Catarina – Rede de Investidores Anjos (RIA),

âmbito estadual, com residentes que queiram investir em soluções desenvolvidas pelos seus conterrâneos é prática importante e já desenvolvida em importantes ecossistemas, como o do Vale do Silício.

Já na RECEPETI pode ser evidenciada a aprendizagem, por meio das ações realizadas pela rede para seus associados – como os eventos com incubadoras e parques e os *workshops* de *habitats* de inovação. No caso da RIA algumas ações de compartilhamento de conhecimento evidenciam as boas práticas de investimentos, por meio de palestras realizadas pelos investidores que também se enquadram na busca por aprendizagem. As reuniões realizadas entre os investidores também se apoiam nesse ganho. Os fóruns para atrair *startups* e que realizam *pitchs*² para a tomada de decisão também se enquadram como um dos ganhos da rede que consegue em um único evento reunir empresas e investidores para assim debater sobre os negócios e muitas vezes aportar recursos.

Simon (2001) considera as chamadas Redes de Conhecimento, que são espaços nos quais ocorrem as trocas de informações e experiências entre profissionais das mais diversas áreas e organizações. Para o autor, essas trocas surgem da necessidade em se ter conhecimento ou ainda ter aprofundamento de temas relevantes aos atores envolvidos na rede. No caso das redes catarinenses, pode-se dizer que a vertente do conhecimento fica evidente com as práticas realizadas.

Núcleo Regional de São José dos Campos, Núcleo Regional de São Paulo (ANJOS DO BRASIL, 2011–2016).

² *Pitch* ou *elevatorpitch* se caracteriza por ser uma apresentação relativamente curta, de três a cinco minutos de duração que busca demonstrar a visão geral de uma ideia, produto, serviço, pessoa, ou negócio. Projetado para atrair a atenção de possíveis investidores e ainda convencer os ouvintes a se interessar pelas informações que estão sendo apresentadas (SPINA, 2012; O'LEARY, 2008; FERREIRA; TEIXEIRA, 2015).

Considerações Finais

O presente estudo buscou realizar uma análise das redes de Santa Catarina. O estado apresenta três redes: a RECEPETI, a RIA e a RIS. Com focos diferentes, as redes estudadas buscam apoiar *habitats* de inovação, investidores anjos e sociais, respectivamente. De maneira geral, as redes apresentam abrangência estadual e contemplam ações que envolvem a organização dos atores em prol da inovação e do investimento. No caso da RECEPETI a atuação é ligada principalmente aos *habitats* de inovação de Santa Catarina, como parques, incubadoras e centros de inovação. As atividades envolvem principalmente eventos com foco em *habitats*. A RIA organiza os investidores e, por meio da realização de fóruns, contempla e otimiza a aproximação com as *startups* permitindo a tomada de decisão mais assertiva de investidores. A RIS realiza ações que permite que Pessoas Físicas consigam aportar recursos para a realização de diversos projetos sociais, que passam por uma curadoria e assim apresentam maior possibilidade de serem selecionados para serem investidos.

Referências

ANJOS DO BRASIL. **Portal virtual**. 2011–2016. Disponível em: <www.anjosdobrasil.net/>. Acesso em: 23 dez. 2016.

ARAÚJO, E. F. *et al.* Propriedade Intelectual: proteção e gestão estratégica do conhecimento. **Revista Brasileira de Zootecnia**, v. 39, supl. esp., p. 1–10, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-35982010001300001>. Acesso em: 27 dez. 2016.

ASSOCIAÇÃO CATARINENSE DE EMPRESAS DE TECNOLOGIA (ACATE), **Portal virtual**. 2016. Disponível em: <<https://www.acate.com.br/>>. Acesso em: 26 dez. 2016.

BALESTRIN, A.; VERSCHOORE, J.; REYES JÚNIOR, E. O campo de estudo sobre redes de cooperação interorganizacional no Brasil. **Revista de Administração Científica**, v. 14, n. 3, p. 458-477, 2010.

DUARTE, R. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. **Cadernos de pesquisa**, São Paulo, v. 115, n. 1, p. 139-154, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/cp/n115/a05n115.pdf>>. Acesso em: 9 jul. 2016.

FERRIRA, M. C. Z.; TEIXEIRA, C. S. **Terminologia de habitats de inovação: alinhamento conceitual**. Florianópolis: Perse, 2015. 52 p.

FLEURY, A. L. Redes de conhecimento: aplicações temáticas e regionais. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO, 13., 2003, Ouro Preto, **Anais...** Minas Gerais: ENEGEP, 2003.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 1, p. 1-5, 1995.

KATZ, R. *et al.* (Org.). **The technology management handbook**. Boca Raton: CRC Press, 2000.

KÜPPERS, G.; PYKA, A. **The self-organization of innovation networks: introductory remarks in innovation networks. Theory and Practice**. Cheltenham: Edward Elgar, 2002.

OLAVE, M. E. L.; AMATO NETO, J. Redes de cooperação produtiva: uma estratégia de competitividade e sobrevivência para pequenas e médias empresas. **Gestão e Produção**, São Carlos, n. 3, v. 8, p. 289-318, 2001.

O'LEARY, C. **Elevator Pitchessentials: how to create an effective elevator pitch**. St. Louis: The Limb Press, 2008, 25. p. Disponível em: <http://www.elevatorpitchessentials.com/documents/ElevatorPitchEssentials_Version_1_0_LookInside.pdf>. Acesso em: 3 ago. 2016.

PELLEGRIN, I. *et al.* Redes de Inovação: construção e gestão da cooperação pró-inovação. **Revista de Administração**, São Paulo, n. 3, v. 42, p. 313-325, 2007.

PERTILE, K.; VIEIRA, M. S. Espaço Público em Florianópolis: vitalização ou especulação urbana? *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL ESPAÇOS PÚBLICOS, 1., 2015, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015.

RAMOS, D. N.; TEIXEIRA, C. S. Redes de inovação: alinhamento conceitual e o panorama atual da temática no território brasileiro. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE INOVAÇÃO E TECNOLOGIA, 1., 2016, São Bento do Sul. São Bento do Sul: INOVA, 2016. INOVA, 2016.

REDE CATARINENSE DE INOVAÇÃO, **Portal virtual**. 2016. Disponível em: <<http://recepeti.org.br/>>. Acesso em: 15 dez. 2016.

REDE DE INVESTIDORES ANJO, **Portal virtual**. 2016. Disponível em: <<https://www.acate.com.br/node/76052>>. Acesso em: 15 dez. 2016.

REDE DE INVESTIDORES SOCIAIS, **Portal virtual**. 2016. Disponível em: <<http://www.icomfloripa.org.br/>>. Acesso em: 15 dez. 2016.

SIMON, I. Sociedade da informação: temas e desafios. **Boletim Redemoinhos**, [S.l.], jun. 2001. Disponível em: <<http://www.cidade.usp.br/redemoinhos/0301/>>. Acesso em: 22 dez. 2016.

SPINA, C. A. **O Pitch quase perfeito**. 2012. Disponível em: <<http://www.ufal.edu.br/empreendedorismo/downloads/manuais-guias-cartilhas-e-documentos-sobre-empreendedorismo-e-inovacao/livro-o--pitch-quase-perfeito-cassio-spina>>. Acesso em: 18 set. 2016.

TÁLAMO, J. R.; CARVALHO, M. M. Redes de cooperação com foco em inovação: um estudo exploratório. **Gestão & Produção**, São Carlos, v. 17, n. 4, p. 747-760, 2010.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios em administração**. São Paulo: Atlas, 2000.

VERSCHOORE, J. R.; BALESTRIN, A. Ganhos competitivos das empresas em redes de cooperação. **Revista de Administração Eletrônica**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 1-21, 2008.